ADIEL E SILVA PACHECO

A importância da Representatividade: Estudo de caso com alunos da FeMASS

**Macaé**

2023

ADIEL E SILVA PACHECO

A importância da Representatividade: Estudo de caso com alunos da FeMASS

Introdução da monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I do curso de graduação em Licenciatura em Matemática, da Faculdade Professor Miguel Ângelo da Silva Santos (FeMASS), para aprovação na disciplina.

Orientador: Prof. Dra Cremilda Barreto Couto

**Macaé**

**2023**

SUMÁRIO

[1 INTRODUÇÃO 4](#_Toc149129903)

[2 OBJETIVOS 6](#_Toc149129904)

[**2.1 Geral** 6](#_Toc149129905)

[**2.2 Específicos** 6](#_Toc149129906)

[3 JUSTIFICATIVA 7](#_Toc149129907)

[4 METODOLOGIA DE PESQUISA 10](#_Toc149129908)

[5 REFERENCIAL TEóRICO 12](#_Toc149129909)

[6 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO 18](#_Toc149129910)

[7 REFERÊNCIAS 19](#_Toc149129911)

# INTRODUÇÃO

O despertar de interesse pelo tema se deu ao cursar a disciplina de Ética e Cidadania no curso de graduação em licenciatura em Matemática da F[aculdade Professor Miguel Ângelo da Silva Santos](https://macae.rj.gov.br/femass). A motivação iniciou-se a partir da metodologia utilizada pela professora dessa disciplina ao usar artigos para a realização de um debate em sala de aula. Em tempo, a professora abordou um tema sobre a representatividade no ensino-aprendizagem o qual despertou interesse em realizar um estudo de caso na faculdade envolvendo alunos negros.

Levantou-se como questões iniciais de pesquisa: até que ponto os alunos negros sentem-se representados? Consideram-se parte do meio acadêmico? A instituição de ensino os abraça? Sentem-se inclusos no mercado de trabalho? Conseguem se ver atuando como professores na instituição onde se qualificaram? O que os motivou a escolher o curso?

No Brasil, o fenômeno da representatividade também é observado. Conforme Osório (2009) geralmente os alunos da escola pública se encaixam no perfil de pessoas negras e pobres, o que reforça a existência de uma distância entre os rendimentos estudantis desses alunos e de alunos que não estejam inseridos nestes grupos. Egalite, Kisida e Winters (2015) demonstram que a disparidade entre brancos, negros, hispânicos e asiáticos pode permanecer ao longo de muitos anos, marcando uma defasagem que excede as realidades estudantis, continuando no mercado de trabalho.

Mediante a este contexto apresentado, a literatura aborda duas principais explicações para a existência de desigualdades por raça (ou gênero): a primeira sendo a existência de uma discriminação institucional, a partir de um estereótipo pré-existente, e a segunda é um efeito nascido da inspiração que o aluno tem a partir da identificação com seu professor, no quesito étnico ou de gênero.

A existência de uma discriminação institucional, também conhecida como Efeito Rosenthal ou Efeito Pigmaleão, foi comprovada por Rosenthal e Jacobson, em 1968, através de uma pesquisa com estudantes de escola primária na Califórnia em que foi visto que quanto melhores as expectativas dos professores para com seus alunos, melhores serão os resultados desses pupilos.

Gershenson, Holt e Papageorge (2016) estudaram a forma como as expectativas dos professores sobre seus alunos afetaria, de forma direta ou indireta, os rendimentos apresentados. Os pesquisadores constataram que professores brancos têm expectativas menores para alunos não brancos, afetando negativamente o desempenho escolar deste grupo, ao passo que professores negros possuem expectativas semelhantes para alunos brancos e negros, e isso se reflete em resultados semelhantes em seus rendimentos estudantis objetivos e relativos.

Ainda, segundo os autores Gershenson, Holt e Papageorge (2016), é evidenciado que a "ameaça estereotípica" é um perigo para o desenvolvimento social e acadêmico. Isso significa que expectativas negativas acarretam uma pior chance de desenvolver uma afinidade com os estudos, afetando diretamente o rendimento acadêmico. Exatamente por este motivo que se identificar com o grupo em que se está inserido beneficia, principalmente, alunos de minorias sociais e étnicas, visto que estes grupos são comumente marginalizados na sociedade – por esse motivo o efeito de inspiração é ainda mais forte.

Sob este olhar, considera-se o conceito de *matching* (correspondência) racial, que é quando um aluno e seu professor são da mesma raça-cor. Esta configuração é exógena à vontade do aluno: seu professor será escolhido pelo comando da escola. O *matching* é um mecanismo para que o processo inspiracional do efeito de *role model* (quando alunos veem no professor um exemplo a ser seguido e alcançado) aconteça por serem conceitos correlacionados (Gershenson, Holt, Papageorge, 2016), de modo que o aluno possa colher os frutos desta sensação de identificação, despertando a representatividade como uma competência atribuída a um indivíduo ou a uma entidade fundamentada na habilidade apresentada para desempenhar tal papel.

# OBJETIVOS

## Geral

Identificar as percepções dos estudantes negros sobre a sua representatividade no meio acadêmico na Faculdade Municipal de Macaé Professor Miguel Ângelo da Silva Santos (FeMASS) e suas vivências ao longo da formação.

## Específicos

* Verificar o perfil do aluno negro integrante dos cursos de graduação;
* Compreender a experiência de vivência do aluno negro como integrante do ensino superior;
* Analisar o acesso do aluno negro ao mercado de trabalho durante sua permanência na faculdade;
* Analisar a representatividade no impacto da formação do aluno negro sob a visão de futuro profissional;
* Apresentar os resultados obtidos na pesquisa sobre a inclusão do aluno negro na FeMASS;
* Apresentar indicadores que contribuam para a elaboração de políticas públicas de entrada e permanência de alunos negros na FeMASS;
* Identificar desafios enfrentados, como discriminação, estereótipos e falta de representatividade.

# JUSTIFICATIVA

No cotidiano a representatividade é um tema importante que ganhou discussão relativamente recente, e sua visibilidade, por conta das redes sociais, ampliou-se. Hoje, existem muitos debates com fontes e opiniões que respaldam a importância da representatividade para as minorias, apresentando como tudo aquilo que é representativo para um indivíduo é, também, uma maneira de identificação com algo ou alguém.

Os movimentos sociais trazem a representatividade como forma de mostrar que diferentes grupos existem, além de expor a necessidade de se espelhar em algo que tenha espaço na mídia, como, por exemplo filmes, novelas ou séries que valorizam os tipos físicos ou culturais do negro, do indígena e das mulheres, para, assim, ser desempenhado um papel empoderado para um grupo. Quando este assunto não é bem debatido e compreendido, como, por exemplo, em discussões em redes sociais, aumenta-se a chance de propagar e perpetuar um preconceito entre diferentes povos e etnias, o que afeta uma convivência harmoniosa entre esses grupos.

Para conceituar o que seria representatividade, buscou-se discorrer através dos textos de Nilma Lino Gomes (2003) sobre a importância de apresentar histórias em que as pessoas negras se identifiquem.

Em esforços para lembrar os papéis que foram desempenhados por artistas negros na ficção, por exemplo, percebe-se a forte frequência dos personagens sendo empregados domésticos, motoristas ou crianças de rua, normalmente servindo a uma pessoa branca. Esta maneira de representar personagens negros influencia na construção da identidade negra de maneira negativa, pois é difícil gostar das próprias características quando se é ensinado a rejeitá-las. Gomes (2003) pondera:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (Gomes, 2003, p. 171).

Devido à representatividade é que se sente pertencente a um grupo, sem querer negar a própria identidade para ser aceito por outras pessoas.A importância de ver as próprias características físicas, comportamentais ou socioculturais representadas por uma única pessoa ou por um grupo na mídia é capaz de causar um afeto maior, ou seja, uma identificação. E se sentir pertencente a um grupo facilita a troca de experiências, impressões e sentimentos, transformando a convivência de indivíduos numa sociedade mais harmônica e respeitosa.

Quando a cultura é desvalorizada, excluída ou marginalizada, fica difícil para um indivíduo se reconhecer como sendo pertencente a um grupo. Por isso, quando é visto artistas negros desempenhando apenas personagens subalternos, no consciente das pessoas negras, a tendência é que estes rejeitem suas raízes e tenham problemas também com baixa autoestima e insegurança.

A escola também é um espaço em que situações de preconceito racial aparecem, e isso reforça a importância de discutir a temática de história e cultura afro-brasileira, preparando os estudantes para lidar com este fenômeno, inclusive em relação à mídia ao estereotipar pessoas negras. A autora Gomes (2005) ajuda a refletir sobre essa questão quando revela:

Podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como as outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com ela. (Gomes, 2005, p. 44).

O ambiente acadêmico é composto por diversas raças e etnias, transformando-se, assim, em um espaço amplamente social e de diversidade. Por ser um espaço coletivo, com muitos grupos distintos, a escola deve assegurar um compromisso em garantir a igualdade, o respeito e a democracia para todos os alunos, visto que as vivências e as linguagens aplicadas na escola induzem a uma compreensão de valores, conceitos e estereótipos sobre os grupos sociais.

No entanto, a escola se torna um espaço de conflitos gerados quando se encontra algo considerado “estranho” – por exemplo, a cultura africana. Esta cultura é vista como “estranha” a partir do momento em que não é apresentada devidamente; quando suas histórias são excluídas dos livros; quando a imagem de negro não aparece nos cartazes da escola (sem estereótipos), causando, assim, uma desvalorização cultural. Souza (2005) alerta sobre a reprodução do preconceito, e que é precisa a atenção dos educadores:

Observamos, ainda, que quando os textos, livros ou histórias se referem à pobreza, violência e outras mazelas sociais, geralmente, os negros aparecem nos personagens, nas ilustrações e no conteúdo do texto, não raro como protagonistas. Isto vale também para os programas de TV, jornais e revistas. Já nos livros de contos de fada, com príncipes, princesas e heróis, a presença negra é praticamente inexistente, predominando aí os personagens brancos, não raros loiros. E isso não passa despercebido das crianças, sejam elas negras ou brancas. É indispensável, pois, que tais correlações não passem, também, despercebidas dos educadores, para que estes possam retrabalhar tais representações em sala de aula e reapresentá-las dentro de um referencial que contemple a diversidade humana e o respeito à pluralidade étnico-racial brasileira. (Souza, 2005, p. 110).

O racismo se expressa também nos meios institucionais. Pesquisas sobre a escola brasileira denunciam que, muitas vezes, os materiais didáticos fornecidos nas aulas, que são apresentados para os alunos, são livros didáticos ou histórias infantis em que os personagens são majoritariamente brancos e os negros, secundários. Os grupos minoritários são tratados constantemente de maneira subalterna e coadjuvante, e na nossa cultura foi naturalizado tratar como inferiores as histórias culturais desses povos.

Portanto, Gomes (2005) nos diz que:

Implica construir novas práticas pedagógicas, novos materiais didáticos, abrir debates, estabelecer diálogo com a comunidade negra, com o movimento negro, com os grupos culturais de tradição africana. Talvez assim possamos conhecer o que os negros pensam sobre a escola e, para isso, não há outra saída senão tomar o negro como sujeito e tentar compreender como ele pensa a educação e a cultura nos seus próprios termos, e não a partir de impressões ou especulações alheias. (Gomes, 2005, p. 43).

Os momentos de afastamento ou desvalorização da cultura negra trazem como consequência para os alunos insegurança, autocensura e negação da própria identidade. Os cursos de graduação, como lugar de socialização, têm o compromisso com o diálogo e a reflexão sobre representatividade. No caso específico da licenciatura em Matemática, justifica-se este tema dada a necessidade de aplicabilidade da lei e dos conteúdos presentes na BNCC (2018) referentes ao currículo e à raça, que propõem ao professor uma ruptura com o ciclo reprodutivo da escola. Se há professores negros, os alunos vão ter representatividade para acreditarem em si mesmos e acreditarem na escola.

# METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a elaboração do texto da pesquisa acerca da importância da representatividade de alunos negros na FeMASS, realizaram-se dois movimentos metodológicos. Primeiro, trabalhou-se com um estudo bibliográfico caracterizando a pesquisa em qualitativa.

Para o estudo bibliográfico, foram realizadas pesquisas em sites específicos de simpósios utilizando a plataformaGoogle Acadêmico. Foram encontrados, assim, dois trabalhos de conclusão de curso através das palavras “representatividade de alunos negros”, cujos temas são, respectivamente, *A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades* (Sousa, 2020) e *A importância da representatividade em sala de aula: correspondência racial entre alunos e professores e o desempenho escolar* (Rocha, 2021)

No segundo momento foi realizada pesquisa de campo, através de um estudo de caso, tendo como instrumento aplicação de questionário semiestruturado para a coleta de dados de caráter quantitativo. Realizou-se a análise de dados que se concentram na quantificação de especificações por meio de métodos estatísticos e matemáticos, tendo como sujeitos da pesquisa alunos negros da instituição.

Em um segundo movimento metodológico, pretende-se aplicar um questionário junto aos alunos negros dos cursos da instituição FeMASS. A escolha desse instrumento de pesquisa se deu por meio de algumas definições pautadas nos autores Fiorentini e Lorenzato (2009), os quais afirmam que:

O questionário é um dos instrumentos mais tradicionais de coleta de informações e consiste numa série de perguntas que podem ser:

Fechadas, quando apresenta alternativas para respostas. Neste caso, o pesquisador pressupõe quais são as respostas possíveis que o sujeito irá dar, não havendo, portanto, possibilidade de obter alguma resposta fora desse conjunto.

Abertas, quando não apresentam alternativas para respostas, podendo o pesquisador captar alguma informação não prevista por ele ou pela literatura. Mistas, combinando parte com perguntas fechadas e parte com perguntas abertas [...]

dos dados, serve para aprofundar o estudo, complementado outras técnicas de coleta de dados de alcance superficial ou genética como. por exemplo, a observação e o *survey* com aplicação de questionário sobre muitos sujeitos. (Fiorentini; Lorenzato, 2009, p. 116-120).

O que difere os instrumentos é o questionário que pode ser aplicado a muitas pessoas e/ou sujeitos da pesquisa sem que haja necessariamente contato direto entre eles, de modo que o questionário pode ou não ser enviado e devolvido via correio convencional ou via e-mail (Fiorentini; Lorenzato, 2009, p. 117).

Nesse sentido, Severino (2007) traz alguns apontamentos sobre as características de um questionário:

Questionário, conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objetivo e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos […]. Podem ser questões fechadas ou abertas. No primeiro caso, as respostas serão escolhidas dentre as opções pré-definidas pelo pesquisador, no segundo caso, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal Entrevista, técnicas de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisados. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa aprender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. (Severino, 2007, p. 124-125).

Dessa forma, a partir da afirmação de Severino (2007) e das finalidades da pesquisa, priorizou-se o questionário como principal instrumento metodológico, contactando os sujeitos da pesquisa por meio de correio eletrônico (e-mail), enviado de forma pontual aos alunos negros da instituição, proporcionando, pois, uma pesquisa qualitativa.

Com todos os dados coletados e organizados, as respostas serão agrupadas e analisadas, possibilitando a sua apresentação com indicadores gráficos.

Todos os discentes que compuseram o espaço amostral receberão um formulário de pesquisa de forma on-line para o preenchimento. Serão solicitadas informações pessoais (sexo, escolaridade materna e paterna); informações acadêmicas (ano de ingresso, graduação ou programa de pós-graduação, interesse na continuidade na carreira acadêmica); e perguntas exclusivas para autodeclarados negros (referentes à utilização do sistema de cotas, à concordância com a política de cotas, aos critérios utilizados para autodeclaração, ao reconhecimento de situações de preconceito e racismo).

# REFERENCIAL TEóRICO

Qual a importância da representatividade negra nas universidades públicas? É necessário parar para refletir sobre essa pergunta e questionar sobre as desigualdades raciais que se apresentam em diferentes esferas do nosso país, que vão, inclusive, para além do ambiente universitário.  A população brasileira se autodeclara preta e parda, mas quantos desse vasto grupo possuem ensino superior completo, ocupam cargos de chefia, seja em instituições públicas e privadas, e têm o mesmo acesso a direitos trabalhistas no mercado de trabalho quando comparados à população branca?

O presente estudo está inserido em uma pesquisa de maior amplitude, a qual observa as dinâmicas de raça e cor dentro da FeMASS. Nesta pesquisa, há um interesse específico para o âmbito acadêmico, selecionando todos os cursos da instituição, considerados como tradicionais e reconhecidos na cidade.

Considerando este quadro, será analisado e quantificado um recorte sobre a participação negra de discentes no ambiente acadêmico, especificamente nos cursos supracitados. A pesquisa irá utilizar os métodos de análise quantitativa e qualitativa para obter dados dos discentes negros dos cursos de Engenharia, Matemática, Sistemas de Informação e Administração.

O Brasil é marcado pela discriminação, exploração e opressão racial. Sem dúvida, são as populações negra e indígena que mais intensamente sofrem com os problemas sociais brasileiros. As universidades públicas são instituições fundamentais para propor saídas dessa condição. Na verdade, o enfrentamento ao racismo passa mesmo por repensar e reestruturar o ensino superior. Olhar para a representatividade negra e indígena nas universidades, tanto nos quadros discentes quanto nos docentes e técnicos, fornece-nos um indício importante do quanto ainda é necessário avançar. A representatividade nos importa, conquanto não seja apenas simbólica e condescendente. É dever da universidade pensar em problemas tais como o racismo antinegro em todas as suas esferas, porém ela não está autorizada a fazê-lo sem a presença efetiva de homens e mulheres negras em todas as suas esferas. (Sá, Fernando, 2020, p. 1).

Portanto, é de suma importância que a população negra se veja e se reconheça como ocupante dos espaços de destaque na universidade pública. Não é muito comum ver um negro(a) na liderança, em uma posição de destaque, já que, na sociedade, é pré-definido que o negro(a) sempre ocupe cargos inferiores. Por isso, as pessoas negras(os) devem ocupar lugar(es) de destaque na gestão universitária para que sirvam de estímulo e inspiração e, assim, outros negros se reconheçam nos cargos hierarquicamente superiores e almejem o mesmo. A representatividade negra pode promover debates visando à redução as desigualdades geradas pelo racismo estrutural.

A representatividade de alunos negros é um tema relevante e atual no campo da educação inclusiva, e a promoção da diversidade é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A Constituição Federal de 1988, em seu art. 5, garante a igualdade perante a lei a todos que estejam no Brasil, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (Brasil, 1988). Em consonância, a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, reforça esta premissa abordando a equidade nos ambientes estudantis (Brasil, 1996).

No entanto, é comum observar uma sub-representação de estudantes negros em diferentes níveis de ensino, o que pode acarretar uma série de desafios e impactos negativos. Neste referencial teórico, pretende-se estabelecer conceitos a partir de estudos relacionados à representatividade de alunos negros, discutindo sua importância e as possíveis consequências da falta de representatividade.

Para alguns autores como Léia, Barbara (2020), discutir este conceito é um caminho difícil pois alegam que se trata de uma questão muito complexa que não possui uma resposta satisfatória para o seu significado fazem menção da concepção posta por Stuart Hall (2013) ao referir-se ao que vem a ser identidade:

O próprio conceito com o qual estamos lidando identidade – é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas. (Hall, 2013, p. 9).

Percebe-se que a identidade não é algo inato, é construído. Nesse sentido, os movimentos sociais se tornam indispensáveis na discussão sobre representatividade, pois têm estimulado mudanças nos setores da mídia, buscando espaços sociais e políticos, além de força para confrontar quando seus direitos estão sendo violados (Moura; Ceccareli; Luz, 2017, p. 2).

Uma identidade fortalecida estimula o aumento da autoestima e a busca por uma autonomia. O autor Stuart Hall (2013) em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, apresenta três concepções sobre o termo identidade. A primeira é do sujeito do Iluminismo: esta é a concepção de sujeito individualista, em que a identidade é centrada apenas no “eu”, tornando-se o centro de todas as capacidades. A segunda concepção é a noção de sujeito sociológico: o autor explica que esta noção reflete o sujeito não autônomo e que não é autossuficiente para si próprio – sua formação precisa de “outras pessoas importantes para ele”, sua identidade nasce da interação do indivíduo com a sociedade em que está inserido. A terceira concepção trazida por Stuart Hall é a do sujeito pós-moderno: este não possui apenas uma, mas várias identidades que muitas vezes entram em colapso – identidade é formada pelas formas que são postas as nossas representações nos sistemas culturais, sendo definidas historicamente, e não biologicamente.

Ainda, Stuart Hall (2013) conclui este pensamento da seguinte forma:

A identidade plenamente unificada, completa, segura coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (Hall, 2013, p. 12).

Portanto, a identidade envolve setores políticos, sociais e culturais. De forma bastante ampla a identidade é um fator importante para a criação de relações em uma sociedade e para a relação com o seu próprio “ser”, lembrando que ela “indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares” (Gomes, 2005, p. 41).

A representatividade se torna fundamental para promover a igualdade de oportunidades e garantir que todas as vozes sejam ouvidas. Alunos negros precisam de modelos e referências que se assemelhem a eles para construir uma identidade positiva, combater estereótipos negativos e desenvolver um senso de pertencimento e valorização no ambiente estudantil.

De acordo com o dicionário Michaelis (2005), o substantivo “representatividade” significa “qualidade do que é representativo”. O adjetivo "representativo'', por sua vez, tem como significados:

1. Que representa ou serve para representar; 2. Que envolve e tem relação com representação; 3. Diz-se de organismo (sindicato, associação, etc.) com direito reconhecido de representar um grupo, uma comunidade etc.; 4. Diz-se de sistema político em que a soberania é exercida por delegados do povo, que este elege diretamente e que o representam. (Michaelis, 2005).

Tais definições, no entanto, têm pouca eficácia no contexto das artes cênicas. Quando se diz, por exemplo, que um espetáculo é importante para a representatividade, do que se está falando exatamente? O teórico e pesquisador espanhol José A. Sánchez (2017) destaca o conceito de representatividade como um cruzamento das noções de “representação mental” e “representação mimética”, no qual alguém se torna imagem ou símbolo de algo. Para o autor:

[…] reunir os traços ou características que se consideram comuns de um conjunto de coisas ou pessoas, ou que definem um grupo ou uma série de coisas ou pessoas. Trata-se do alto grau de coincidência entre como nós representamos mentalmente ou imaginariamente algo e a realização dessa imaginação em um objeto, situação ou pessoa. (Sánchez, 2017, p. 62).

Marques (2018) fala da importância do conselheiro escolar como a voz dos seus pares, garantindo às pessoas negras a representatividade que é de direito, compartilhando as informações e decisões que acontecem dentro do conselho escolar, desempenhando, desse modo, o papel que lhes foi dado. Para Marques (2018), o conselheiro não pode agir pensando apenas no seu lado pessoal porque assim não representará o grupo que o escolheu.

De acordo com Riscal e Barcelli (2013), a representatividade sofre uma ausência de discussão e pode ocasionar um obstáculo à participação daqueles que não têm clareza do que ela significa nos conselhos escolares. A pesquisa realizada Riscal e Barcelli (2013) apontou que uma pessoa era escolhida por causa do seu esclarecimento sobre os problemas da escola, ocorrendo relações de poder no espaço escolar. Os votantes da comunidade escolar, por não compreenderem que a representatividade não é definida por quem sabe mais ou sabe menos sobre ela, acabavam não participando desse processo. A representatividade é baseada no conhecimento que o sujeito tem para resolver os problemas da escola e pela participação e representação que este sujeito pode ter nas decisões do conselho.

A falta de clareza dos votantes sobre o significado de representatividade afeta ainda mais sua participação, pois se eles não sabem do que se trata, não vão querer se candidatar para a função de representante.

O estudo realizado por Abranches (2009) aponta que a representatividade pode ter diversas concepções, podendo ser considerada como um elemento político que dá o poder de representar um determinado segmento; como uma mudança de conceito de acordo com a atuação do conselheiro; e também como um conceito em construção tanto na teoria quanto na prática. É interessante quando Abranches (2009) afirma que o conceito de representatividade está em construção permanente e que vai de acordo com a maneira que os representantes e representados se relacionam, ocorrendo a legitimação do processo representativo.

Assim, a representatividade de alunos negros em diferentes níveis educacionais enfrenta diversos desafios que podem impactar negativamente sua experiência e oportunidades de aprendizado. Nesse sentido, a representatividade na psicologia social é um tema importante que se concentra na inclusão e na diversidade de grupos sociais nas pesquisas e na representação das experiências das pessoas em diversos contextos. O psicólogo social Gordon Allport (1954) cunhou o termo "contato intergrupal" em seu livro *The Nature of Prejudice*. Neste livro, é abordado o argumento de que o contato entre grupos diferentes é fundamental para reduzir o preconceito e promover a representatividade e a compreensão entre grupos.

No livro *A Natureza do Preconceito*, Allport (1954) define o preconceito como uma atitude antipática ou hostil em relação a um grupo racial, étnico, religioso ou social com base em estereótipos e generalizações simplistas. Allport (1954) argumenta que o preconceito é uma parte natural da psicologia humana, mas pode ser superado e reduzido através do contato intergrupal e da educação.

Uma das ideias-chave do livro é a Teoria do Contato (1954), em que é defendido que o contato positivo e cooperativo entre membros de grupos diferentes é uma das maneiras mais eficazes para reduzir o preconceito e melhorar as relações intergrupais, destacando a importância do contato pessoal, em que as pessoas possam conhecer e compreender umas as outras individualmente, desafiando, assim, estereótipos específicos.

Representatividade na psicologia social é uma preocupação central que se concentra em garantir que as pesquisas e teorias sejam sensíveis à diversidade cultural, étnica e social, bem como na promoção da igualdade e na compreensão das experiências de grupos marginalizados.

Sendo assim, o âmbito educacional, que é composto por diversas raças e etnias, apresenta-se como um espaço amplamente social e de diversidade por ser um espaço coletivo, com grupos distintos. Por isso, a entidade de ensino tem o dever de assegurar um compromisso em garantir a igualdade, o respeito e a democracia para todos os alunos, além de produzir um alerta sobre a reprodução do preconceito e sobre a necessidade de atenção dos educadores.

O racismo se expressa também nos meios institucionais. Os grupos minoritários são tratados constantemente de maneira subalterna e coadjuvante, e na nossa cultura foi naturalizado tratar como inferior as histórias culturais desses povos. Nessa perspectiva, para superar essa problemática, Gomes (2005) pontua algumas mudanças que devem ser aplicadas:

Implica construir novas práticas pedagógicas, novos materiais didáticos, abrir debates, estabelecer diálogo com a comunidade negra, com o movimento negro, com os grupos culturais de tradição africana. Talvez assim possamos conhecer o que os negros pensam sobre a escola e, para isso, não há outra saída senão tomar o negro como sujeito e tentar compreender como ele pensa a educação e a cultura nos seus próprios termos e não a partir de impressões ou especulações alheias. (Gomes, 2005, p. 43).

Portanto, faz-se de grande valia a representatividade no âmbito acadêmico, proporcionando ao aluno negro se sentir parte do meio acadêmico, permitindo-o encontrar a sua própria identidade. A faculdade, como uns dos meios principais de socialização, precisa dispor de meios para aumentar a representação do seu corpo docente, promovendo, assim, a identidade e a igualdade racial

Os autores, inicialmente, referem-se à representatividade como representar um grupo ou um segmento, porém cada um traz a sua definição de acordo com o âmbito social em que a pesquisa é desenvolvida, ou seja, definem a representatividade a partir das suas vivências sociais e também relacionam esse termo a outros que são relevantes em seus estudos, como a gestão democrática, a identificação cultural, as discussões políticas, a cidadania e, principalmente, a legitimidade, que faz com que a representatividade seja de fato reconhecida.

# CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **ETAPA DA PESQUISA**  **/MÊS-ANO (Exemplos dos descritores)** | **Ago/23** | **Set/23** | **Out/23** | **Nov/23** | **Dez/23** | **Jan/23** | **Fev/23** |
| **Capítulo 2: Aprofundamento bibliográfico/revisão de literatura** | x | x x | x x |  |  |  |  |
| **Capítulo 3: Construção do questionário.** |  |  | x x | x x |  |  |  |
| **Capítulo 4: Investigação: Questionario c/ alunos** |  |  |  | x x | x x |  |  |
| **Capítulo 5: Análise dos dados** |  |  |  |  | x x | x x |  |
| **Capítulo 6: Conclusão** |  |  |  |  |  | x x | x x |
| **Elaboração texto do TCC** | x | x x | x x | x x | x x | x x |  |
| **Validação e entrega do TCC** |  |  |  |  |  | x x | x x |

# 

# REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Ana de Fátima Pereira de Sousa. **O conselho municipal de educação do Recife e a política educacional**: um estudo sobre participação e representatividade. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3951. Acesso em: 21 jul. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9394/1996. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018

EGALITE, Anna; KISIDA, Brian; WINTER, Marcus. Representation in the classroom: The effect of own-race teachers on student achievement. **Education of Economics Review**, [*s. l.*], v. 45, p. 44-52, 2015. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272775715000084?via%3Dihub. Acesso em: 20 jul. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar:** O minidicionário de língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORENTINI, Dario. LORENZATO, Sergio. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

GERSHENSON, Seth; HOLT, Stephen; PAPAGEORGE, Nicholas. Who Believes in Me? The Effect of Student-Teacher Demographic Match on Teacher Expectation. **UpJohn Institute**, Kalamazoo, v. 7, n. 1, p. 15-231,2016. Disponível em: https://research.upjohn.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1248&context=up\_workingpapers. Acesso em: 21 jul. 2023.

GOMES, Nilma. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?lang=pt. Acesso em: 19 jul. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações

Raciais no brasil uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03**. Brasília: SECAD, 2005

GONZALEZ, Lélia. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA**. Encontro

Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Editora Lamparina, 2013.

MARQUES, Ketulyn Füster. **Conselhos gestores de unidades de conservação:** Espaços de aprendizagem através da participação social. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8080. Acesso em: 08 jun. 2023.

MOURA, Robenilson; CECCARELI, Paulo; LUIZ, Warlington. O negro e a mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais. **Conversas transversalizantes entre psicologia política, social-comunitária e institucional com os campos da educação, saúde e direitos**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 709-718, 2017. Disponível em: https://ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli\_o-negro-e-a-midia.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro: Classe, Raça e Acesso ao Ensino Superior no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, Brasília, v. 39, n. 138, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/TfrMTnds5Qjjc4DDsvrMXwb/?lang=pt. Acesso em: 06 jun. 2023.

ROCHA, Samuel de Albuquerque. **A importância da representatividade em sala de aula:** correspondência racial entre alunos e professores e o desempenho escolar. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Departamento de Economia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Bárbara Léia Lopes de. **A importância da representatividade para os grupos minoritários**: uma revolução na construção de identidades. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação – CE, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOUSA, Francisca. Linguagens Escolares e Reprodução do preconceito. *In:* **Educação Antirracista: caminhos abertos pela lei federal ° 10.638/03** Brasília: SECAD, 2005.